

Discurso da Presidente do Parlamento Nacional

No Seminário da AIPA

“Parlamento na Vanguarda de um Crescimento Inclusivo e de uma ASEAN Sustentável”

UNTL

25 de maio de 2026

Excelências, distintos colegas,

Não é normal começar uma intervenção dando título à mesma, mas para que fique claro o âmbito da minha comunicação hoje, aqui, é os Parlamentos na Vanguarda de um Crescimento Inclusivo e de uma ASEAN Sustentável.

Feito que está o enquadramento,

Excelências,

Timor-Leste é o membro mais jovem da ASEAN — e aprendi, na vida como na política, que o mais jovem na sala tem duas escolhas: a primeira; ficar em silêncio por cortesia, respeito e reconhecimento daquilo que não sabe, a segunda; falar quando lhe é dada a palavra.

Dado que a palavra me foi dada, escolho falar.

Há uma pergunta que acredito que devemos colocar no centro desta conversa, mesmo antes de falarmos de quadros de cooperação, antes de falarmos de legislação, antes de falarmos de mecanismos de trabalho parlamentar conjunto.

Crescimento inclusivo para quem?

O crescimento é fácil de medir, os economistas e especialistas em finanças públicas usam o PIB, o volume de comércio, as infraestruturas e os quilómetros de estrada construídos, tudo mensurável, tudo com a possibilidade de ser convertido em números e percentagens.

Mas o crescimento inclusivo coloca uma pergunta muito difícil que não se mede em números, a questão não é o quanto foi construído, mas quem ficou

de fora enquanto construíamos, não quão depressa crescemos, mas quem ficou para trás enquanto corríamos.

Ora, os parlamentos existem precisamente para quem fica para trás, os governos negociam acordos comerciais, assinam memorandos de entendimento, etc. Mas somos nós — nós, nesta sala — quem regressa ao seu município e enfrenta o pescador cujas águas foram sobre exploradas por frotas de países mais desenvolvidos, o agricultor cuja terra foi expropriada para uma estrada que nunca vai usar, a mulher cuja voz não foi consultada em nenhuma das legislações que cuidadosamente, ou não, desenhamos, o jovem que é obrigado a emigrar para conseguir meios de subsistência.

São eles que querem saber o que é crescimento, o que é inclusivo e o que é sustentável.

Para o pescador, o agricultor, a mulher, o jovem, é dolorosamente fácil a resposta, se o nosso crescimento, o crescimento da ASEAN não está a chegar até eles — não é inclusivo, e se não é inclusivo, não é, no fim, sustentável.

Excelências,

Timor-Leste sabe algo sobre sustentabilidade que aprendemos da forma mais difícil.

Construímos o nosso estado a partir das ruínas de uma ocupação, construímos instituições onde não havia nenhuma, leis onde havia silêncio, tribunais onde havia apenas força, e aprendemos que o que se constrói sem o povo não dura.

Aprendemos que a reconciliação imposta não é reconciliação, que a paz assinada no topo, mas não sentida na base não é paz — é uma ilusão.

É por isso que o nosso Povo, o nosso Governo, o nosso Parlamento escolheu construir pontes — não como metáfora, mas como prática, com a Indonésia, não apagámos a história; escolhemos transformá-la.

Quando inaugurámos uma ponte em Díli com o nome de um presidente indonésio, estávamos a dizer algo deliberado para todos os que quiserem ouvir, que os povos de ambos os lados de uma história podem decidir estar unidos em vez de divididos.

Para nós é isso o que o inclusivo é na realidade, não a ausência da diferença, mas a decisão de construir o melhor que temos sobre ela.

Excelências,

Os parlamentos têm três instrumentos que nenhuma outra instituição possui da mesma forma.

Temos o poder de legislar — de transformar vontade política em realidade vinculativa, de transformar os compromissos em direitos dos cidadãos.

Temos o poder de fiscalizar — de perguntar, em nome de quem nos elegeu, se o crescimento que celebramos está a chegar aos lugares e às pessoas a quem prometeu chegar.

E temos o poder da voz — de trazer para esta conversa regional perspectivas que a diplomacia bilateral, pela sua natureza, tende a suavizar.

O G7+ ensinou-nos isso, estados pequenos e frágeis, sentados juntos, falando juntos, encontraram uma voz que nenhum tinha sozinho, uma força que só a união consegue.

A dimensão parlamentar da ASEAN — a nossa presença coletivam,— não é uma cortesia, é democracia.

E uma ASEAN sustentável é uma ASEAN democrática, construída por assembleias que incluam as mulheres, que incluam as comunidades rurais, que incluam as margens, não como um apêndice de representação mas como uma fonte de sabedoria.

Para terminar, A ASEAN está a mudar, a região está a mudar, os desafios que enfrentamos — as alterações climáticas, a desigualdade, a pressão demográfica, a concentração acelerada do poder digital — estão a mudar mais depressa do que as nossas instituições, os Parlamentos têm de mudar com eles — ou melhor, os Parlamentos têm de liderar essa mudança.

É isso que significa estar na vanguarda.

Deixo-vos com um pensamento.

Quando os nossos líderes regressam das cimeiras, falam do que foi acordado, quando nós regressamos dos nossos parlamentos, temos de falar do que foi concretizado.

A distância entre essas duas coisas —o que foi acordado e o que foi concretizado — é onde o crescimento inclusivo vive ou morre.

É o nosso trabalho — o vosso, o meu, o de todos nós — encurtar essa distância.

Obrigada.